

Robert Owen

1771-1858

Guys I

CHOAY, Françoise. *Urbanismo, utopias e realidades.*
São Paulo: Perspectiva, 1979

Antes de tornar-se uma das figuras marcantes do primeiro socialismo europeu, Robert Owen viveu pessoalmente os problemas da nascente sociedade industrial. Desde os dez anos de idade, trabalhava numa fábrica de algodão. Aos dezenove, dirigia uma fábrica de fiação em Manchester e tinha contribuído para o aperfeiçoamento das técnicas de tecelagem.

Em 1798, um casamento rico permitiu que se tornasse co-proprietário da fábrica de New Lanark. Encontrou assim um terreno de experimentação, uma ocasião para pôr em prática as reformas sociais inspiradas pelo conhecimento direto da miséria do proletariado industrial. Seu esforço recaiu essencialmente na redução das horas de trabalho (jornada de dez horas¹), no melhoramento do habitat (cidade-modelo, num espaço verde) e na prática da escolaridade obrigatória, seguindo métodos modernos². Devem-se a Owen as primeiras escolas maternas da Inglaterra. Ele estava convencido da absoluta maleabilidade do ser humano e sua teoria da educação é a pedra angular de todo o seu sistema: a educação é necessária ao homem que quer dominar a máquina e explorar as possibilidades da revo-

1. Aplicada por Owen antes da existência da legislação do trabalho. "Caçoaram dessa invenção como de uma utopia comunista", escreve Marx em *O Capital*.

2. Cf. MARX, *Le Capital*, ed. Pléiade, T. 1, p. 937. Owen lançou as bases da "educação do futuro", o único método para produzir *homens completos*".

lução industrial³; ao mesmo tempo, ela contribui para a melhoria do rendimento individual⁴.

New Lanark tornou-se rapidamente um local de peregrinação para os reformadores sociais da Grã-Bretanha. Quanto a Owen, essa experiência permitiu-lhe dar um novo desenvolvimento a suas teorias, expostas em uma série de obras como:

- A New View of Society, or Essays on the Principle of the Formation of the Human Character (1813);
- Report to the County of Lanark (1816);
- The Book of the New Moral World (1836).

Nessas obras ele descreve seu modelo de estabelecimento ideal, higiênico, ordenado e criador: pequenas comunidades semi-rurais de 500 a 3 000 indivíduos, federadas entre si.

Para Owen, este modelo não devia permanecer teórico. A fim de realizá-lo, em 1825 ele comprou 30 000 acres de terra no Estado de Indiana (Estados Unidos) e fundou a colônia de New Harmony. Três anos depois, tinha perdido quatro quintos de sua fortuna e voltava para a Europa.

Sua crítica do liberalismo econômico e suas propostas de reforma situam-no na origem do trade-unionismo e da teoria do socialismo de Estado. Suas idéias acham-se tão esparsas pelos textos que tivemos, excepcionalmente, de reunir citações de obras diversas.

HOMEM NOVO, HABITAT NOVO

O homem é uma organização composta de diversas faculdades corporais e intelectuais, experimentando necessidades ou inclinações físicas e morais, sensações, sentimentos e convicções. Na sociedade atual, não há nenhum acordo entre essas diferentes inclinações; ele se vê impellido a atuar por sensações ou sentimentos que, frequentemente, se opõem a sua inteligência. *

Quando seu caráter estiver formado de modo a fazer dele um ser racional, cercado de circunstâncias conforme às leis naturais, todas essas necessidades e sentimentos estarão em harmonia. *

Estes fatos e leis da natureza, quando forem plenamente compreendidos e geralmente adotados na prática, tornar-se-ão o meio de formar um novo caráter para a espécie humana. * Os homens tornar-se-ão racionais. [1]

3. Muito consciente do papel alienante da máquina, Owen é no entanto um progressista militante. Em sua *Memória aos soberanos aliados... no interesse das classes obreiras...* ele atrai significativamente a atenção sobre "os efeitos extraordinários que resultam da introdução de motores aperfeiçoados, pelo progresso das ciências, nas fábricas da Europa e da América; introdução que já influiu materialmente no trabalho manual, na saúde, na situação e bem-estar das classes operárias" (p. 1).

4. "A criança também pode, pelos mesmos meios, ser criada, colocada, empregada * e ajudada por poderes mecânicos, químicos ou resultados das descobertas das ciências *. Nessas circunstâncias *, cada criança nascida na classe trabalhadora será um núcleo importante para a sociedade" (*idem*, p. 8).

Uma nova era

Chegou o momento em que uma mudança deve ser produzida: uma nova era deve começar. O espírito humano que, até agora, esteve envolvido nas trevas da mais grosseira ignorância * deve finalmente iluminar-se. * É chegado o tempo em que todas as nações do mundo, em que os homens de todas as raças e de todos os climas devem ser levados a esse gênero de conhecimento. * Haverá uma só linguagem e uma só nação. *

As grandes invenções modernas, os melhoramentos progressivos e o progresso contínuo das ciências e das artes técnicas e mecânicas (que, sob o regime do individualismo, aumentaram a miséria e a imoralidade dos produtores industriais) estão destinados, depois de ter causado sofrimentos, a destruir a pobreza, a imoralidade e a miséria. As máquinas e as ciências são chamadas a fazer todos os trabalhos penosos e insalubres. *

Um estabelecimento modelo...

Para realizar os princípios que formam a ciência social, seria desejável que o governo estabelecesse vários núcleos ou associações-modelo, contendo de 500 a 2 000 habitantes alojados em construções apropriadas para produzir e conservar uma variedade de produtos, e para dar às crianças uma educação adequada. * [2] Cada uma dessas cidadezinhas novas seria um modelo da maneira pela qual ela se sustentaria, se governaria a si mesma, criaria e ocuparia todos os seus membros. * [3]

... num plano quadriculado

Desenhei um plano no qual se distingue um conjunto de quadrados formados por prédios. Cada quadrado pode receber 1 200 pessoas e está rodeado de 1 000 a 1 500 acres de terreno.

No interior dos quadrados erguem-se os edifícios públicos que o dividem em paralelogramos.

O edifício central contém uma cozinha pública, refeitórios e tudo que pode contribuir para uma alimentação econômica e agradável.

Edifícios públicos no centro

À direita desse prédio central, uma construção cujo térreo será ocupado pelo jardim de infância, o andar superior por uma sala de conferências e um lugar destinado ao culto.

À esquerda, fica um edifício que abriga, no térreo, uma escola para as crianças mais velhas e uma sala do comitê; no primeiro andar, uma biblioteca e uma sala de reunião para os adultos.

O espaço livre no interior dos quadrados é destinado ao exercício e aos lazeres; é arborizado.

Compartimentação do habitat

Três lados dos quadrados são constituídos por casas residenciais, destinadas principalmente às pessoas casadas. Cada casa comporta

quatro habitações, cada uma das quais será bastante espaçosa para receber um homem, sua mulher e dois filhos.

O quarto lado será ocupado por dormitórios para todas as crianças que excedam os dois admitidos por família, assim como, se for o caso, as crianças com mais de três anos.

No centro deste quarto lado ficam os apartamentos das vigilantes de dormitórios. Numas das extremidades está situada a enfermaria, e, na outra, uma espécie de hospedaria para os visitantes. *

No centro dos dois primeiros lados ficam os apartamentos dos superintendentes, ministros do culto, mestres-escolas e médicos, enquanto que, no centro do terceiro, localizam-se os depósitos. *

Espaços verdes isolando a indústria

No exterior, atrás das casas, em redor dos quadrados, há jardins cercados por estradas.

Imediatamente atrás dos jardins, situam-se, de um lado, os prédios consagrados às atividades mecânicas e industriais. O matadouro, os estábulos, etc., também serão separados do estabelecimento coletivo por plantações.

Do outro lado, acham-se locais destinados à lavagem de roupa. A uma distância ainda maior dos quadrados encontram-se instalações agrícolas inteiramente equipadas para a produção do malte, da cerveja, da farinha, etc.

A educação

Para transformar radicalmente a condição e o comportamento dos desfavorecidos, é preciso retirá-los do meio cuja nefasta influência sofrem atualmente, colocá-los em condições adequadas à constituição natural do homem *, condições estas que não podem deixar de melhorar sua sorte, o que é do interesse de todas as classes. *

As crianças com mais de três anos irão à escola, comerão no refeitório e dormirão nos dormitórios; antes de sair da escola, terão recebido tudo o que lhes será necessário como conhecimento.

As crianças maiores serão acostumadas a ajudar na jardinagem e no trabalho industrial durante uma parte do dia, proporcionalmente às suas forças; todos os homens estarão empregados na agricultura e na indústria ou em qualquer outro setor útil à comunidade. *

Prospecção de terrenos

É preciso investigar pelo país todo e selecionar os locais mais propícios à instalação desses estabelecimentos — agrícolas e industriais simultaneamente.

Todas as terras do reino suscetíveis de ser adquiridas para esse fim deverão ser corretamente avaliadas e compradas pela nação. *

Quando essas disposições tiverem sido adotadas e levadas a bom termo * seguir-se-ão conseqüências admiráveis. O valor real da terra e do trabalho aumentará, ao passo que abaixará o valor de seus produtos. *

Rendimento desse plano

Esse plano permitirá que se suprimam, em uma geração, as subvenções concedidas aos miseráveis, pois se terá destruído radicalmente o pauperismo ou qualquer outra degradação dessa espécie.

Ele fornecerá os meios de aumentar gradualmente a população dos distritos não populosos da Europa e dos Estados Unidos, sempre que esse aumento for julgado necessário; permitirá que uma população muito maior subsista com bem-estar, num ponto dado; * em resumo, será o meio de aumentar em mais de dez vezes a força e o poder político do país em que for adotado. [4]

[1] *The Book of the New Moral World*, Londres, 1836, resumido e traduzido por T. W. Thornton: *Le livre du nouveau monde moral contenant le système social rationnel*, Paris, 1846. (pp. 23-24, 30.)

[2] *An Address Delivered to the Inhabitants of New Lanark*, 1816; traduzido pelo Conde de Laborde: *Institution pour améliorer le caractère moral du peuple*, Paris, 1819. (pp. 8-9.)

[3] *Courte exposition d'un système social rationnel*, libelo dirigido em francês a Thiers, Paris, 1848. (p. 2.)

[4] *Rapport au comité de l'association pour le soulagement des classes défavorisées employées dans l'industrie*, 1817, in *A Supplementary Appendix to the First Volume of the Life of Robert Owen, Containing a Series of Reports, Addresses, Memorials* (1803-1820), Londres, 1858. (pp. 57-64; tradução da autora.)

"Não creio que algum homem neste século tenha tido maior poder de imaginação que este caixeiro-viajante", dizia Charles Gide sobre Fourier. É a este dom que devemos o modelo mais detalhado do pré-urbanismo progressista: a falange.

Essa aglomeração ideal não é mais, aliás, que uma peça – a mais célebre – de um sistema completo, de que é indissociável. A construção global de Fourier tem origem numa impiedosa crítica da sociedade contemporânea¹ e de sua economia. Essa visão sombria é corrigida por uma concepção otimista da história, que, depois de ter atravessado essas fases sucessivas, selvageria, barbárie, patriarcado e civilização, acabará por realizar, através do garantismo, o socialismo e, em último lugar, o harmonismo², o grande princípio natural da "Harmonia Universal". A "civilização", que reina no momento em que

1. Engels escrevia no *Anti-Dühring*: "Ele desvenda sem piedade a miséria material e moral do mundo burguês."

2. O *patriarcado* é caracterizado pela agricultura e criação de animais. A *barbárie* vê o clã ou a tribo ser substituídos pela nação. Formam-se cidades e impérios, enquanto a indústria se desenvolve. A *civilização* é caracterizada por um desenvolvimento sem precedentes da indústria. O *garantismo* é caracterizado por um conjunto de instituições (bancos, feitorias comunitárias, asilos rurais, falanstérios e cidades operárias) que instauram a solidariedade entre os membros da sociedade. O *socialismo* ou *associação simples* ou ainda *serisofia*, e o *harmonismo* ou *associação composta* continuam a generalizar o princípio de associação.

Fourier escreve, é apenas "um flagelo passageiro", "uma enfermidade infantil, como a dentição". Mas só poderá ser ultrapassada por uma reestruturação radical da sociedade, que, para desenvolver a produção e libertar-se do pauperismo e realizar o homem total³, deverá pôr em prática a associação e a cooperação.

Pode-se afirmar Fourier do pré-urbanismo progressista, se se evoca o nedonismo que reina nas falanges, a dialética dos temperamentos que preside a composição destas, sua negação da família⁴. Mas outras características nos parecem mais significativas: a ruptura absoluta que representa a aglomeração falangista em relação às do passado e o modo como o campo é integrado nela, sobretudo a racionalização e a classificação sistemática dos lugares e das atividades.

A classificação é, aliás, uma verdadeira mania de Fourier. Traça-se em uma terminologia específica que torna fastidiosa a leitura de suas principais obras:

— Théorie des quatre mouvements (Teoria dos quatro movimentos) (1808).

— Traité de l'association domestique (Tratado da associação doméstica) (1822), a mais importante.

— Le Nouveau Monde industriel et sociétaire (O Novo Mundo Industrial e Societário) (1829).

— La fausse industrie morcelée (A falsa indústria fragmentada) (1835-1836).

O FALANSTÉRIO

Os civilizados, considerando supérfluo o que diz respeito ao prazer da vista, rivalizam na emulação para enfeitar suas residências chamadas cidades e aldeias*. Procuraremos o modo como as artes poderiam, através do embelezamento e da salubridade, conduzir gradualmente à Associação⁵.*

A Associação nasceria do estado das coisas, numa cidade construída sob o regime de garantia⁶ sensitiva quanto à beleza e à salubridade*.

Existem para os edifícios métodos adaptados a cada período social: só vou citar três.

3. Cujas imagens não deixaram de exercer uma atração sobre Marx.

4. Essa é a diferença essencial entre a cidade radiosa de Le Corbusier e o falanstério de Fourier.

5. A Associação, que faz o interesse geral coincidir com o particular, realiza-se pela atração nas sociedades harmônicas; ela se opõe ao fracionamento das sociedades inferiores (patriarcado, barbárie, civilização), onde reina a coação.

6. Este termo está ligado à antropologia fourierista. O período garantista satisfaz os doze direitos do homem e as doze garantias a lhe ser dadas, e que dizem respeito ao desenvolvimento das doze paixões que formam os caracteres radicais do homem: cinco paixões sensitivas; quatro paixões afetivas, a saber, a amizade, a ambição, o amor, o familismo; três paixões distributivas, a saber, borboleteante (necessidade de variedade), cabalista (necessidade de intriga), compósita (necessidade de entusiasmo); mais uma décima primeira paixão, "caseira", o unitelismo.

No quarto período, a distribuição bárbara, modo confuso. Interior de Paris, Rouen, etc.; ruas estreitas, casas amontoadas sem correntes de ar nem luz suficientes, disparate geral sem nenhuma ordem.

No quinto período, a distribuição civilizada, modo simplista*, regularizando o exterior, onde se dispõem de certos alinhamentos e embelezamentos de conjunto: são assim diversas praças e ruas de cidades como Petersburgo, Londres e Paris, que têm bairros novos*.

No sexto período, a distribuição garantista, modo composto, que submete tanto o interior quanto o exterior dos edifícios a um plano geral de salubridade e de embelezamento, a garantias de estrutura*. É uma possibilidade de aperfeiçoamento social, em cujas consequências e extensão se terá dificuldade de acreditar*.

Um arquiteto que tivesse sabido especular a cerca do modo composto, poderia ter-se transformado no salvador do mundo social*. Seria mister que, de fato, a natureza consignasse às artes alguma intervenção na questão da Harmonia: ela teve de escolher* a arquitetura*.

Plano de uma cidade do sexto período⁷

Devem-se traçar três anéis concêntricos:

- o primeiro contém a cidade central;
- o segundo contém os arrabaldes e as grandes fábricas;
- o terceiro contém as avenidas e o subúrbio.

Cada um dos três anéis adota dimensões diferentes para as construções, nenhuma podendo ser levantada sem a aprovação de uma comissão de edis, que cuidarão da observância dos estatutos do garantismo, cuja exposição vem em seguida.

Os três anéis são separados por paliçadas, relvas e plantações que não devem cobrir a visão.

Toda casa da cidade deve ter como sua dependência, entre pátios e jardins, pelo menos tanto terreno vazio quanto ocupa sua superfície construída.

O espaço livre

O espaço vazio será duplo no segundo anel, ou local dos arrabaldes, e triplo no terceiro anel, chamado subúrbio.

Todas as casas devem ser isoladas e formar fachadas regulares, em todos os lados, com ornamentos graduados de acordo com os três anéis sem que se admitam muros divisórios nus.

O menor espaço de isolamento entre dois edifícios deve ser pelo menos de 6 toesas: 3 toesas ou mais por edifício, mas nunca menos de 3, e 3 até o ponto de separação e muro baixo de divisão*.

O espaço de isolamento só será calculado em plano horizontal, mesmo nos locais onde o declive seja acentuado.

O espaço de isolamento deve ser pelo menos igual à metade da altura da fachada⁸ diante da qual se localiza, seja nos lados, ou

7. Este título é de Fourier.

8. Fourier tinha o costume de passear por Paris com um metro, com o qual media continuamente a frente das casas. Ele conhecia as dimensões de todos os principais monumentos e praças da Europa.

atrás da casa. Assim, uma casa cujo flanco medir 10 toesas de altura até a cornija deverá ter um terreno livre de 5 toesas na frente desse flanco, sem contar o do vizinho, que pode ser da mesma extensão. Se duas casas vizinhas tiverem, uma, 10 toesas de altura, e a outra, 8, haverá entre elas 5 e 4, total 9 toesas de isolamento e terreno vazio dividido por uma grade ou paliçada.

Para evitar fraudes sobre a altura real, como as águas-furtadas e andares simulados, contar-se-á como altura real da parede tudo o que exceder o ângulo do 12º de círculo (ângulo de 30º) a partir da base (suposta) do esqueleto do edifício.

As coberturas deverão formar pavilhão ou frontões adornados lateralmente. Terão por toda parte calhas que levarão a água da beira das paredes até abaixo das calçadas.

Na rua, os edifícios não poderão exceder em altura, contada até a base do esqueleto, a largura da rua: se ela só tiver 9 toesas de largura, não se poderá levantar uma fachada de 10 toesas de altura, já que será preciso reservar um ângulo de 45º na fachada para a visão. (Se o ângulo do raio visual fosse mais obtuso, sucederia como com os palácios de Génova ou com o portal de Saint-Gervais; para examiná-los seria preciso trazer um canapé e deitar-se nele de costas.)

O espaço dos lados será pelo menos igual a um oitavo da largura da face que dá para a rua, * precaução necessária para evitar o acúmulo de população num só ponto. *

As ruas deverão estar voltadas para paisagens campestres ou monumentos da arquitetura pública ou privada: o monótono tabuleiro de xadrez será abolido. Algumas ruas serão curvas (serpenteantes), para evitar a uniformidade. As praças deverão ocupar pelo menos um oitavo da superfície. Metade das ruas deverão ser arborizadas (com árvores variadas)./

O mínimo para as ruas é de 9 toesas; as calçadas podem, se as ruas forem destinadas só a pedestres, ser reduzidas a 3 toesas, mas é preciso conservar as outras 6, em cercado gramado, ou plantado e estaqueado. *

Não irei além nos detalhes, com os quais ainda se poderia preencher muitas páginas para descrever o conjunto de uma cidade garantista. Mas aqui só temos um resultado a considerar, que é a propriedade inerente a uma cidade como essa, de provocar a associação de todas as classes, operária ou burguesa, e até rica.

Habitat coletivo

Destaquemos em primeiro lugar que não se poderiam mais construir casas pequenas; ficariam muito caras, por causa dos isolamentos obrigatórios. Só os ricos poderiam dar-se a esse prazer; mas o homem que especula sobre o aluguel seria obrigado a construir casas muito grandes e, no entanto, muito cômodas e salubres, por causa da dupla distância exigida.

Nesse tipo de edifícios, seríamos levados, sem querer, a tomar todas as medidas de economia coletiva de onde nasceria logo a associação parcial; por exemplo, se o edifício reúne 100 famílias⁹, não

9. "As associações de família ou * as cidades operárias pertencem ao 6º período *, estão fora do quadro da civilização *, e se fossem generalizadas,

instalaríamos as 20 bombas exigidas por 20 prédios que alojassem, cada um, 5 famílias. Já seria uma economia de 19/20, ou de 9/10, supondo-se a bomba e seus propulsores de maiores dimensões.

Assim como é difícil a limpeza em casas apertadas e obstruídas, como as de nossas capitais, ela é fácil num edifício onde os espaços vazios mantêm correntes de ar.

Ali seriam evitados, pois, de fato, os males da insalubridade, vantagem de grande importância.

A distribuição indicada só provocará as invenções societárias por concorrência entre os grandes edifícios de que será composta. Se fossem só em número de 4 ou 5 prédios de 100 famílias, como podem ser encontrados em Paris ou Londres, esses agrupamentos, afastados uns dos outros, não teriam nenhuma emulação econômica.

Mas, se tal cidade contém 100 grandes prédios, todos vizinhos e distribuídos de modo a prestar-se a economias domésticas, ela verá logo seus habitantes adestrando-se nessa indústria, que começará necessariamente com o objeto mais importante para o povo: a preparação e provisão dos alimentos. Veremos 2 ou 3 das 100 famílias estabelecer-se como hospedeiras; veremos outras especular, em outros ramos, sobre as provisões da casa.

Assim será organizada a divisão do trabalho que, uma vez introduzida na cidade ou anel central, se espalhará bem depressa pelos dois anéis, de arrabalde e de subúrbio, onde a obrigatoriedade de duplo e triplo espaço de terreno vazio tornará mais necessários os grandes agrupamentos. *

Uma cidade modelo

Esses grandes edifícios com a vantagem de ser bem arejados pelo espaço de isolamento plantado * satisfariam (os cinco sentidos). *

Suponhamos que Luís XIV, ao invés de construir o triste Versailles, tivesse construído em Poissy uma cidade de arquitetura composta; * todos tê-lo-iam imitado. * Nenhum proprietário da cidade consentiria hoje em substituir seus muros por grades ou paliçadas; no entanto, assim ele ganharia cem vezes mais, pois desfrutaria da vista de cem jardins. Acontece o mesmo em relação a todas as outras disposições; * mas, para julgar o fato, precisaríamos de uma cidade experimental. *

O fundador de uma (tal) cidade * teria tido a dupla honra de cobrir de ridículo todas as outras capitais * e de metamorfosear subitamente o mundo social. *

O vício que * desviou dessa concepção foi o espírito de PROPRIEDADE SIMPLES que domina na civilização. Nela não reina nenhum princípio sobre a PROPRIEDADE COMPOSTA ou sujeição das possessões individuais às necessidades da massa.

A comuna-tipo ou falange¹⁰

conduziriam prontamente a esse 6º período. Introdução dos editores ao opúsculo de Fourier, *Modifications à introduire dans l'architecture des villes*, Paris, 1849.

10. "Para Fourier, o elemento da sociedade é a comuna. O estado da comuna num país dá a conhecer a natureza da sociedade à qual esse país per-

O edifício ocupado por uma falange não tem semelhança nenhuma com nossas construções, urbanas ou campestres, e para fundar uma grande Harmonia, de 1.000 pessoas, não se poderia utilizar nenhuma das nossas construções, nem mesmo um grande palácio como Versalhes, ou um grande ninistério como o Escorial. *

Os alojamentos, plantações e estábulos de uma tal sociedade devem diferir prodigiosamente de nossas aldeias ou cidades destinadas a famílias que não têm nenhuma relação societária e que operam contraditoriamente: em lugar desse caos de casinhas que rivalizam em sujeira e deformidade em nossas pequenas cidades, uma falange é construída como um edifício regular. *

Um protótipo experimental

O falanstério ou edifício da falange experimental deverá ser construído com material de pouco valor: madeiras, tijolos, etc. porque seria, repito, impossível, nessa primeira prova, determinar exatamente as dimensões convenientes, seja de cada seristério, ou local de relações públicas destinado às séries¹¹, seja de cada oficina, cada loja, cada estábulo, etc.

Seja, por exemplo, um galinheiro ou um pombal; antes de construí-lo, teremos calculado e previsto com cuidado quantas galinhas e pombos uma falange de tal grau deve criar; em quantas espécies e variedades ela deve classificar as espécies para coincidir com as Atrações dos diversos grupos que tratam dos animais, e para favorecer as rivalidades da Série.

Mas como a primeira falange não pode ter nenhuma noção prática, ela cometerá necessariamente muitos erros sobre as quantidades, dimensões e compartimentos: antes de chegar a dados exatos, é preciso tatear. *

A primeira falange será um bosquejo, um esboço feito por conta do globo, que reembolsará 12 vezes seu capital. Ela será, de certo modo, uma bússola para as falanges que serão fundadas por todo lado a partir do ano seguinte. *

Dissociação das funções

O centro do palácio ou falanstério deve ser destinado às funções tranqüilas, aos refeitórios, salas da bolsa, do conselho, biblioteca, salas de estudo, etc. Neste centro ficam o templo, a torre de ordem, o telégrafo, os pombos-correio, o carrilhão de cerimônias, o observatório, o pátio de inverno com plantas resinosas, situado atrás do pátio de parada.

Uma das alas deve reunir todas as oficinas ruidosas, como: carpintaria, ferraria, trabalhos com martelo; deve abrigar também todos

tence. Assim, para fazer a França passar do estado 'civilizado' ao 'societário', seria preciso transformar em comunas societárias — ou 'falanstérios' — as 40 mil comunas civilizadas existentes." (*Ibid.*)

11. "Os diferentes grupos recrutados a serviço de uma indústria qual-quer formam um regimento de voluntários, chamado *série*. A série de grupos é a grande alavanca da organização societária, o ponto capital de todas as soluções harmônicas." (*Ibid.*)

os conjuntos industriais de crianças, que são comumente muito ruidosos. * Será evitado, com essa reunião, um lamentável inconveniente de nossas cidades civilizadas, onde se vê, em toda rua, algum carpinteiro, algum ferreiro ou algum aprendiz de clarineta estourar o tímpano de cinquenta famílias da vizinhança.

A outra ala deve abrigar a hospedaria, com suas salas de banho e de reuniões dos visitantes, para que não atravessem o centro do palácio e não perturbem as relações domésticas da falange. Essa precaução de isolar os visitantes e concentrar suas reuniões numa das alas será muito importante na falange experimental, para onde os curiosos afluirão aos milhares e darão sozinhos um lucro que não posso estimar abaixo de 20 milhões. *

Funções comuns

O falanstério deve conter, além dos apartamentos individuais, muitas salas de relações públicas: vamos chamá-las *seristérios* ou locais de reunião e desenvolvimento das séries.

Essas salas não se parecem em nada com nossas salas públicas, onde as relações se operam sem graduações. Uma série não admite essa confusão. Tem sempre suas 3, 4 ou 5 divisões, que ocupam vicinalmente 3, 4 ou 5 locais, o que exige distribuições análogas às funções dos funcionários e dos societários. Também cada seristério é, geralmente, composto de três salas principais: uma para os grupos de centro, duas para as alas da série.

Além disso, as três salas do seristério devem ter gabinetes contíguos, para os grupos e comitês de série; por exemplo, no seristério de banquete ou sala de jantar, são necessárias primeiro seis salas bem desiguais:

1 de ala ascendente para a 1ª classe, por volta de . . .	150
2 de centro para a 2ª classe	400
3 de ala descendente para a 3ª	900

Essas seis salas bem desiguais deverão ter, nas proximidades, diversos gabinetes para os diversos grupos que queiram isolar-se da mesa de gênero. Acontece todo dia de certas reuniões desejarem comer separadamente; elas devem encontrar salas perto do seristério onde é servido o *buffet* principal que alimenta as mesas de um mesmo gênero. *

Estábulos, celeiros e lojas devem ser instalados, se possível, de frente para o edifício. O intervalo entre o palácio e os estábulos servirá de pátio principal ou praça de manobra, que deve ser grande. Para dar uma idéia aproximada de suas dimensões, calculo que a frente do falanstério pode ser fixada a 600 toesas de Paris, 300 das quais para o centro e o pátio de parada, e 150 para cada uma das duas alas e dos lados contíguos ao centro. *

Jardins do palácio

Atrás do centro do palácio, as faces laterais das duas alas deverão prolongar-se de modo a formar e murar um grande pátio de inverno, que servirá de jardim e passeio plantado com vegetais resinosos e

verdes em qualquer estação. Esse passeio só pode ser concebido em pátio fechado, e não deve dar vistas para o campo. (A falange não precisa de passeios de verão; veremos no capítulo 9 que todo o cantão é um passeio.)

A fim de não dar ao palácio uma fachada muito extensa, com uma série de desenvoltamentos e prolongamentos que diminuiriam as relações, será conveniente (numa grande falange de grau 7 ou X) redobrar os corpos de construções das alas e do centro, e deixar no intervalo dos corpos paralelos contíguos um espaço vazio de 15 a 20 toesas pelo menos, que formará pátios alongados e atravessados por corredores dispostos sobre colunas e situados ao nível do primeiro andar, com vidraçaria fechada, e aquecida segundo o hábito da Harmonia. *

Circulações climatizadas

As ruas-galerias constituem um método de comunicação interna que por si só bastaria para desdenhar os palácios e as belas cidades da civilização. Quem quer que tenha visto as ruas-galerias de uma falange, contemplará o mais belo palácio civilizado como um lugar de exílio, um solar de tolos que, em 3 000 anos de estudos sobre a arquitetura, não aprenderam ainda a alojar-se sã e comodamente. *

Nossa falta de habilidade com relação a esse aspecto chega a tal ponto que os próprios reis, longe de dispor de comunicações em galeria fechada, freqüentemente não têm um pórtico para abrigar-se da chuva. * Na civilização, não se conhecem nem as ruas-galerias, nem as ruas subterrâneas, nem a vigésima parte dos atrativos materiais de que desfruta, em Harmonia, o mais humilde dos homens. *

Um harmoniano dos mais miseráveis, um homem sem um vinho, sobe de coche num pórtico bem aquecido e fechado; comunica-se do palácio com os estábulos por subterrâneos aparelhados e forrados de areia; ele vai de seu alojamento às salas públicas e oficinas por ruas-galerias que são aquecidas no inverno e ventiladas no verão. Pode-se, em Harmonia, percorrer em janeiro as oficinas, estábulos, lojas, salas de baile, de "banquete", de assembléia, etc. sem saber se está chovendo ou ventando, se faz calor ou frio. *

A rua-galeria

A rua-galeria ou *peristilo contínuo* fica no primeiro andar. Não se adapta ao térreo, que tem de ser atravessado em diversos pontos por arcadas para coches. *

As ruas-galerias de uma falange não recebem luz dos dois lados, estão ligadas a cada um dos corpos da habitação; todos esses corpos têm dupla fila de quartos, sendo que uma das filas dá para o campo e a outra para a rua-galeria. Esta deve, então, ter a altura dos três andares que, de um lado, recebem luz por ela.

As portas de entrada de todos os apartamentos do 1º, 2º e 3º andares dão para a rua-galeria, que tem escadas instaladas de espaço a espaço para subir ao 2º e 3º andares.

*Théorie de l'Unité universelle ou Traité de l'Association domestique agricole*¹², Paris, 1822, citado conforme *l'Harmonie universelle et le Phalanstère, exposés par Fourier, recueil méthodique de morceaux choisis de l'auteur*, Paris, Librairie phalanstérienne, 1849. (Tomo I, pp. 176-184, 255-259, 261-263.)

12. O primeiro título é o que figura nas obras completas (1841-45), enquanto o segundo é o com que esta obra foi publicada em sua primeira edição.

Victor Considérant

1808-1893

Politécnico e engenheiro militar, abandonou ambas as profissões em 1831 para dedicar-se às idéias de Fourier e a sua difusão. Com a morte de Fourier, tornou-se o chefe do movimento falansteriano e diretor de seu órgão, A Falange.

Em suas numerosas obras:

- *La destinée sociale, 1834-1838;*
- *Manifeste de l'École sociétaire, 1841;*
- *Exposition du Système phalanstérien de Fourier, 1845;*
- *Principe du Socialisme, 1847,*

as teorias de Fourier são expostas de uma forma mais clara e mais sintética que nos livros do próprio fundador da escola.

Isso é particularmente verdadeiro no que se refere à organização do estabelecimento urbano, a que Considérant dedicou a Description du Phalanstère, 1840. O próprio Considérant tentaria algumas experiências falansterianas, todas destinadas ao fracasso. A mais célebre foi a colônia da Reunião, que ele fundou perto de Dallas, quando de seu exílio nos Estados Unidos, depois de sua participação na tentativa insurrecional de 1849.

DO CAOS À ORDEM

I. HOJE

A ARQUITETURA escreve a história.

Quereis conhecer e apreciar a civilização em que vivemos? Subi ao campanário da catedral ou nas altas torres da Notre-Dame.

Caos arquitetônico

Em primeiro lugar, seus olhos serão assaltados por um espetáculo de desordem:

São paredes que se ultrapassam, entrecrocavam-se, misturam-se, encontram-se sob mil formas estranhas; tetos com inclinações de todos os tipos que se alteiam e se atacam; empenas nuas, frias, enfumaçadas, perfuradas por algumas raras aberturas gradeadas; muros que se confundem; construções de todas as idades e todos os feitios, que se encobrem e privam-se, umas às outras, de ar, de visão e de luz. É um combate desordenado, uma pavorosa mistura arquitetônica.

As grandes cidades, e Paris principalmente, constituem um triste espetáculo de se ver, para quem quer que tenha a idéia de ordem e da harmonia, para quem quer que pense na anarquia social que é traduzida em relevo, com medonha fidelidade, por esse amontoado informe, essa baralhada de casas recobertas de forros, armadas com seus telhados metálicos, seus cata-ventos enferrujados, suas inúmeras chaminés, que desenham ainda melhor a incoerência social, o retalhamento de onde saiu esse caos arquitetônico. *

Vêde só como o homem está alojado na capital do mundo civilizado!

Superpopulação

Há nessa Paris um milhão de homens, de mulheres e de infelizes crianças, amontoados num círculo estreito onde as casas se chocam e se comprimem, erguendo e superpondo seus seis andares esmagados; aliás, seiscentos mil desses habitantes vivem sem ar e sem luz, em cubículos que dão para pátios sombrios, profundos, viscosos, em sótãos úmidos, em águas-furtadas abertas à chuva, ao vento, aos ratos, aos insetos. * Além disso, de baixo até em cima, do subterrâneo aos tetos, tudo é só ruína, mefitismo, imundície e miséria. *

"O homem não está alojado"

Em nossas cidades, casebres em ruínas, escuros, medonhos, mefíticos * arrastam-se em torno de monumentos que a civilização semeou aqui e ali, do mesmo modo como se vê, num jardim mal tratado, caracóis de baba impura arrastar-se pela haste de um lílãs em flor. — O casamento do luxo e da miséria: esse é o complemento do quadro.

A civilização tem raros palácios, e miríades de pardieiros, como tem farrapos para as massas e trajas de ouro e seda para seus escassos favorecidos. Ao lado da libré bordada de um agiota, ela exibe o burel de seus proletários e as chagas de seus pobres. Se ela cria e mantém com grandes gastos uma suntuosa ópera onde maravilhosas harmonias acariciam os ouvidos de seus ociosos, ela também faz ouvir,

no meio das ruas e praças públicas, os cantos de miséria de seus cegos, os tristes lamentos de seus mendigos. Aliás, aqui e lá, ela só sabe criar egoísmo e imoralidade, pois tanto a miséria quanto a opulência têm sua imoralidade e seu egoísmo.

Oh, não, não! em nossas aldeias, em nossas cidades, em nossas grandes capitais, o homem não está alojado — pois chamo de homem tanto o catador de papel que faz suas pilhagens à noite, com a lanterna na mão, e busca sua sobrevivência no monte de lixo que remexe com um pedaço de pau, tanto ele e seus numerosos irmãos de infortúnio quanto os homens da Bolsa e dos castelos. — E chamo de alojamento do homem uma habitação sadia, cômoda, limpa, elegante e em todos os aspectos confortável. *

II. AMANHÃ: O FALANSTÉRIO

As relações societárias impõem, portanto, à arquitetura, condições bem diferentes das da vida civilizada. Não se trata mais de construir o casebre do proletário, a casa do burguês, a mansão do agiota ou do marquês. Trata-se de construir o palácio onde o HOMEM deve morar. É preciso construí-lo com arte, harmonia e previsão; ele tem de abrigar apartamentos suntuosos e quartos modestos, para que cada um possa acomodar-se de acordo com seus gostos e suas posses; — depois é preciso distribuir por ele oficinas para todos os trabalhos, salas para todos os ofícios, de indústria ou do prazer.

E antes vamos dar uma olhada do alto no conjunto das disposições arquitetônicas resultante das grandes condições do programa societário; aqui estamos nós planando sobre um campo falansteriano; vejamos:

A ordem

Ah! Acabou-se a confusão de todas as coisas; a odiosa embrulhada da cidade e do burgo civilizado; o incoerente aglomerado de todos os elementos da vida civil, da vida agrícola, da vida industrial; a justaposição monstruosa e desordenada dos habitáculos do homem e dos animais, das fábricas, das estrebarias, dos estábulos; a promiscuidade das coisas, das pessoas, dos animais e das construções de toda ordem. * O Verbo da Criação repercutiu sobre o Caos, e a Ordem se fez.

Os elementos confundidos no Caos separaram-se e reuniram-se por gêneros e espécies sob o comando da Palavra. Com a Separação, a Distinção da Ordem, surgiram a vida, a economia e a beleza, todas as harmonias da vida, todas as suas magnificências.

A unidade de habitação

Contemplemos o panorama que se desenrola a nossos olhos. Um esplêndido palácio ergue-se no seio dos jardins, canteiros e relvas sombreadas, como uma ilha marmórea banhada por um oceano de verde. É a residência real de uma população regenerada.

Diante do Palácio estende-se uma vasta praça. É o pátio principal, o campo de reunião das legiões industriais, o ponto de partida

e da chegada das coortes ativas, a praça das paradas, dos grandes linhões, dos jardins, das revistas e das manobras.

A estrada magistral que sube ao longe o campo com suas quatro fileiras de árvores suntuosas, margeadas por maciços de arbustos e de terra enegrelida, ladeando as duas alas e as grades do falanstério, ao pátio principal, que ela separa das edificações industriais e das construções rurais, ergue-se ao lado das grandes culturas.

De um lado, o palácio da população; no centro, a sede administrativa do movimento, a grande praça das manobras; do outro lado, a cidade industrial, os abrigos para as colmeias, os tetos protetores das máquinas e dos animais, que secundam o homem na conquista da terra.

A cidade industrial

Na primeira fila da cidade industrial, uma linha de fábricas, de grandes oficinas, de lojas, de celeiros de reserva levanta suas paredes diante do falanstério. Os motores e as grandes máquinas desdobram ali suas forças, trituram, abrançam ou transformam as matérias-primas com seus órgãos metálicos, e executam por conta da falange mil operações maravilhosas. Constituem o arsenal das criações ativas e vivas da inteligência humana, o arco onde estão reunidas as espécies industriais, somadas pelo poder criador do homem às espécies vegetais e às espécies animais, essas máquinas inventadas pelo primeiro Criador. Ali, todos os elementos domados, todos os fluidos governados, todas as forças misteriosas subjugadas, todos os poderes da natureza vencidos, todos os deuses do Antigo Olimpo submetidos à vontade do Deus da terra obedecem à sua voz, servidores dóceis, e proclamam seu reino.

O estabelecimento agrícola

A linha das grandes construções industriais abre-se ao centro para libertar a visão e permitir que o olhar mergulhe, do falanstério, no estabelecimento agrícola, e escape por cima de seus tetos baixos para as verdejantes perspectivas do campo e dos horizontes longínquos. No meio do grande leque aberto ao olhar por esse espaço monumental, o olho pára primeiro numa imensa área reservada aos animais domésticos, encantador conjunto de tanques, regatos correndo sobre o cascalho, redes de arame correndo pelas relvas de pavilhões graciosos, parques com sombra, viveiros com vastos compartimentos agrupados na torre alta do pombal, que se ergue como um faustoso obelisco no centro das construções agrícolas. Os tetos rústicos da leiteria, do lugar onde se prepara gelo, da queijaria destacam-se à direita e à esquerda dos maciços dispersos protegidos pela ramagem. Em volta o olhar registra os terrenos para arado, de grades luzentes, os abrigos para carros envernizados, as cocheiras para veículos campestres, de cores variadas e contrastadas das séries e dos grupos¹: o olhar percorre toda essa artilharia agrícola, mais brilhante que os arsenais mostrados com tanto orgulho pelas fundições militares da Inglaterra e da França.

1. Cf. *supra*, in Fourier.

Os parques, os abrigos, as cocheiras, as oficinas de ferragem e carpintaria, os pátios de serviço são, por sua vez, encaixilhados nos estúdios e estrebarias reais onde estão alojadas, por esquadros, classificadas e divididas segundo suas espécies, títulos de valor e de sangue, as vacas equinas e bovinas que a falange mantém. O ar e a água, sabiamente dispostos e conduzidos para o interior e exterior, circulam por essas grandes construções, separadas por árvores, comunicações combinadas e pátios de serviço. A luz banha-as e penetra nelas, e com a água, o ar, a luz e as atenções zelosas e cneias de orgulho das legiões ardentes encarregadas de sua manutenção, a limpeza, a salubridade, a vida em todo seu florescer e luxo. Em volta das construções rurais, e entrando pelo campo, como fortes avançados, os apriscos e os parques com medas de gramíneas e forragens.

Eis aí o conjunto! *

Estudemos agora de mais perto as disposições gerais do palácio de habitação, do falanstério propriamente dito. *

Características da habitação

O traçado geral do meu desenho² deriva do plano de Fourier. Satisfaz plenamente todas as conveniências societárias, todas as vantagens de comodidade, salubridade e segurança. É inútil dizer que esse traçado não tem nada de absoluto. As configurações do terreno e mil exigências diversas desenvolvem-no e modificam-no. As fachadas, o estilo e os detalhes oferecem, em cada falanstério, variedades infinitas. *

Temos diante de nós, ao olhar o falanstério, o corpo central, em cujo centro se eleva a torre de ordem; as duas alas que, caindo perpendicularmente sobre o centro, formam o grande pátio principal, onde se executam as paradas e manobras industriais. Depois os dois extremos das alas, dispostos em forma de ferradura, desenham a grande estrada que ladeia o pátio principal e estende-se, ao longo da linha de frente do falanstério, entre este edifício e as construções industriais e rurais situadas adiante.

Os corpos do edifício são duplos: o falanstério dobra-se sobre si mesmo, para evitar uma extensão de frente demasiado grande, um afastamento muito grande das alas e do centro; enfim, para favorecer a atividade das relações concentrando-as.

Classificação das funções

As oficinas ruidosas, as escolas barulhentas são relegadas a um pátio de extremidade, no fim de uma das alas; o barulho fica concentrado nesse pátio de algazarra. Evitam-se assim esses insuportáveis estrépitos de todo tipo que se espalham ao acaso por todos os bairros das cidades civilizadas, onde a bigorna do ferreiro, o martelo do funileiro, a flauta, a clarineta, a buzina de caça conspiram contra os ouvidos públicos, juntamente com o rangido do violino, o alarido dos coches e todas essas algazarras discordantes, irritantes, dilacerantes ou ensurdecedoras que tornam quase todos os apartamentos das grandes cidades

2. Considérant traçou uma perspectiva do falanstério.

verdadeiros infernos, finalmente e acima de tudo com o feroz, o inevitável, o (Inevitável) fero!

Na extremidade da outra ala fica a hospedaria ou hotel para visitantes. Esta disposição tem o propósito de evitar os atravancamentos no centro da galeria.

As principais salas de reuniões gerais da Regência, da Bolsa, as de recepções, de banquetes, de bailes, de concertos, etc. ficam no centro do palácio, nas proximidades da torre de ordem. As oficinas, os apartamentos de dimensões e preços variados, repartem-se por todo o edifício. — As oficinas ficam geralmente no térreo, como evidentemente convém. Várias, entretanto, como as de costura, bordados e outras de gênero delicado podem subir ao primeiro andar.

É claro que o centro do palácio vai ser sua parte mais suntuosa, assim os apartamentos caros, ricamente ornamentados e principescamente montados ladeiam o grande jardim de inverno, fechado, atrás da torre de ordem, pelas pregas quadradas do corpo duplo. Os apartamentos mais modestos repartem-se pelas alas e suas extremidades.

Contra a segregação

No entanto, a Harmonia, sem aspirar a uma igualdade contrária a qualquer ordem natural e social, opera sempre a fusão das classes e a mistura das desigualdades. Para isso, reserva-se, dentro dessa disposição geral, uma *engrenagem* que impede e prevê até o menor germe de desconsideração para com um bairro: introduzem-se, no centro e nos arredores, alojamentos de preço módico, transferem-se os mais caros para as extremidades. — Aliás, as variedades de gosto, temperamento e caráter também dispersam as diferentes classes sociais por todos os corpos de construção do falanstério, e não se vê ali um bairro Saint-Marceau ao lado de um bairro Saint-Germain.

Espaços verdes interiores

Os grandes espaços deixados entre os prédios formam áreas plantadas, refrescadas por pequenos lagos e destinadas a diferentes serviços. São enfeitadas por platibandas e canteiros interiores. Ali abundam as estátuas, que destacam seu branco mármoreo sobre o verde maciço das plantas.

Pelo grande quadrado central estende-se o jardim de inverno, com suas árvores verdes e resinosas, para que, em qualquer estação, se possa distrair os olhos nele. Em todo o seu redor circulam um ou dois andares de estufas preciosas, cuja disposição pode ser combinada com a das grandes galerias e salas de banhos. — É o jardim mais rico, o mais luxuoso de todos os jardins da falange; forma um passeio elegante, abrigado e quente, onde os velhos e os convalescentes distraem-se respirando o ar e o sol. *

A rua-galeria

Tudo na construção harmoniana, apartamentos e oficinas, e todos os corpos de construções estão ligados entre si por uma RUA-GALERIA que os abraça, circunda o edifício e o envolve tudo. Essa *circum-galeria* é dupla: no térreo, é formada por arcadas que se esten-

dem paralelamente ao prédio, como no Palácio-Real; sobre essas arcadas, acima do teto da galeria inferior, eleva-se a do primeiro andar. Esta sobe até o alto do edifício e recebe a luz por janelas altas e largas, e os apartamentos dos andares superiores se abrem para elas; ou detêm-se e forma um terraço no andar superior.

Não é preciso dizer que essas galerias são envidraçadas, ventiladas e refrescadas no verão, aquecidas no inverno, sempre bem providas de ar e agradavelmente temperadas.

A rua-galeria é certamente um dos órgãos mais característicos da arquitetura societária. A rua-galeria de um falanstério de alta Harmonia é pelo menos tão ampla e tão suntuosa quanto a galeria do Louvre. Serve para banquetes e reuniões extraordinárias. Enfeitadas de flores como as estufas mais belas, decoradas com os produtos mais ricos das artes e da indústria, as galerias e os salões dos falanstérios abrem para os artistas da Harmonia admiráveis exposições permanentes. É provável que, muitas vezes, sejam inteiramente construídas de vidro.

Essa elegante rua-galeria contorna os corpos de construções, os jardins interiores e os pátios do falanstério; ora fora, ora dentro do palácio, ora expandindo-se para formar uma grande rotunda, um átrio inundado de luz solar; projetando através dos pátios seus corredores sobre colunas ou leves pontes suspensas, para reunir duas faces paralelas do edifício; ramificando-se, finalmente, nas grandes escadarias brancas e abrindo por todo lado grandes e suntuosas comunicações.

Essa galeria * que liga todas as partes do todo; que estabelece as relações do centro com as extremidades, é o canal por onde circula a vida dentro do grande corpo falanstério; é a artéria magistral que leva o sangue do coração para todas as veias; é, ao mesmo tempo, o símbolo e a expressão arquitetônica da alta união social e da harmonia passional da falange, nessa grande construção unitária, na qual cada cômodo tem um sentido especial, na qual cada detalhe exprime um pensamento particular, responde a uma conveniência e coordena-se com o conjunto; — e cujo conjunto reproduz, completo, visível e corporificado, a lei suprema da associação, o pensamento integral de harmonia.

Depois de se viver num falanstério, onde uma população de 2 000 pessoas pode entregar-se a todas as suas relações civis ou industriais, ir ao trabalho, ver seu mundo, circular das oficinas aos apartamentos aos salões de baile e de espetáculo, ocupar-se com os negócios e com os prazeres, ao abrigo de intempéries; depois de se viver dois dias nesse meio régio, quem poderia suportar as cidades e aldeias civilizadas, com suas lamas, suas imundícies? * Que economia de despesas, de aborrecimentos, e de falta de comodidade, de resfriados, de doenças de todo tipo, obtidos só com a disposição de arquitetura societária! *

A torre

No centro do palácio ergue-se e domina a torre de ordem. Ali é que estão reunidos o observatório, o carrilhão, o telégrafo, o relógio, os pombos-correio, o vigia da noite; é ali que flutua ao vento a bandeira da falange. — A torre de ordem é o centro de direção e de

movimento das operações industriais do cantão; ela comanda as manobras com suas bandeiras, sinais, flânetos e porta-vozes, como um general de exército instalado numa alta colina.

O templo e o teatro elevam-se à direita e à esquerda do palácio, nas duasentrâncias pontuadas pelas saliências dos extremos das alas, entre o corpo do falanstério e os jardins cujos terraços o envolvem e do seio dos quais ele emerge. *

Coletivização do cotidiano

Abona-se com a falange tanto para o alojamento como para a alimentação, quer tomemos um apartamento mobiliado, quer o mobiliemos. Acabaram-se esses embaraços, esses numerosos abonecimentos de arrumação, ligados ao insípido sistema doméstico da família! Pode-se, a rigor, só possuir roupas e calçados, e abastecer-se de roupa branca e de todo o resto por abone. *

O seristério³ das cozinhas, com seus grandes fornos, seus utensílios, seus instrumentos mecânicos abreviando o trabalho, suas fontes com ramificações hidróforas, empavesado de baterias reluzentes, está disposto em pátios internos de serviço, do lado do campo. Suas lojas, armazéns, depósitos e as despensas ficam por perto.

As mesas servidas nessas salas baixas são apanhadas e erguidas por máquinas, nas horas das refeições, são levadas para as salas de banquete, no andar superior, salas cujos assoalhos têm um equipamento de alcapões destinados a dar às grandes operações do serviço unitário a rapidez prodigiosa das mudanças de uma ópera mágica — Esses mecanismos engenhosos, que a civilização emprega aqui e ali para ser desfrutados por seus ociosos, são prodigalizados pela Harmonia, para que todo o seu povo os desfrute.

Calefação

O calor que se perde no seristério das cozinhas é utilizado para aquecer as estufas, os banhos, etc. Alguns aquecedores bastam depois para distribuir o calor por todas as partes do edifício, galerias, oficinas, salas e apartamentos. Esse calor unitariamente disposto é conduzido para os diferentes cômodos por um sistema de canos de comunicação, com torneiras com que se varia e se gradua à vontade a temperatura em todos os locais do palácio societário. Um sistema de canos interiores e concêntricos aos dos aquecedores leva ao mesmo tempo água quente para os seristérios onde ela é necessária e para todos os apartamentos. Existe um serviço análogo para a distribuição da água fria. Concebe-se facilmente como essas disposições de conjunto favorecem a limpeza geral, como fazem circular o conforto e como contribuem para eliminar do serviço doméstico o que ele tem de sujo, de repugnante, de medonho às vezes, nos doces tratos caseiros da civilização moral e aperfeiçoada.

Distribuição de água

O mesmo pensamento unitário preside à disposição de todos os serviços. Assim, é de um modo análogo que depósitos superiores, insta-

3. Cf. *supra*, in Fourier.

lados nos forros, receberão as águas do céu ou, alimentados por corpos de bombas, fornecerão ramificações de mangueiras divergentes de onde a água, projetada com a força de compressão produzida por sua altura, alimentará, durante o verão, nos átrios, nas salas e nas grandes escadarias, fontes, pequenas cascatas de reservatórios brancos e arrojadados jatos de água nos jardins e nos pátios. As mangueiras são utilizadas diariamente para regar as vizinhanças do falanstério; servem também para lavar os tetos, as fachadas e, principalmente, para eliminar qualquer possibilidade de incêndio. *

Iluminação

A iluminação geral, interna e externa, é também regulada na falange pela mesma idéia unitária. Ninguém ignora que a maior parte das grandes cidades e dos estabelecimentos públicos são iluminados por esse procedimento. — Os refratores lenticulares e os refletores parabólicos encontrarão um feliz emprego nesse planejamento unitário da iluminação, que multiplicará sua potência combinando convenientemente os recursos da catóptrica e da dióptrica.

III. CONCLUSÕES ECONÔMICAS E FILOSÓFICAS

É, pois, delírio e loucura propor-se a solução deste problema: *encontrar as soluções arquitetônicas mais convenientes às necessidades da vida individual e social, e constituir, segundo as exigências dessas condições, o tipo de habitação de uma população de 1 800 pessoas, população que corresponde à unidade de exploração do solo, e que constitui a comuna rural, quer dizer, o alvéolo elementar da grande colmeia social.*

O modelo-navio

Como! Isso é loucura e delírio! E dizeis: isso é inaudito, extravagante, *irrealizável* *, quando tendes debaixo dos olhos, e mais que que evidente! construções alojando *mil e oitocentos homens*, que não se apóiam em terra firme, em rocha, mas são bem móveis, desenvolvendo no oceano dez nós por hora e transportando seus habitantes de Toulon ao Cabo, do Cabo a Calcutá, de Calcutá ao Brasil e ao Canadá! construções de mil e oitocentos habitantes que pouco ligam para os ventos dos grandes mares e para os furacões dos trópicos, bravos e dignos navios de linha, * com grandes mastros e um velame robusto! *

É então mais fácil alojar mil e oitocentos homens no meio do oceano, a 600 léguas de qualquer costa, construir *fortalezas flutuantes*, que alojar, numa construção unitária, mil e oitocentos bons camponeses em plena Champagne ou em Beauce? *

O verdadeiro problema

A Academia empenha-se, todo ano, em encontrar temas para exames dos alunos da escola de arquitetura, e não teve a idéia de propor este! Trata-se, no entanto, de uma concepção mais fecunda, de uma

idéia muito mais elevada que todas as idéias arquitetônicas que tenham sido executadas ou só ermitidas até aqui.

É esta, aliás, a tarefa social reservada à arte no curso do progresso social: que um arquiteto, deixando de lado o compasso, o círculo e as ordens, proponha-se a resolver o problema arquitetônico assim colocado:

Dado o homem, com suas necessidades, gostos e inclinações inatas, determinar as condições do sistema de construção melhor apropriado à sua natureza:

Esse arquiteto estaria, desde o primeiro momento, diante da seguinte opção:

A. Ou uma casa isolada para cada família;

B. Ou um edifício unitário para a reunião das famílias que compõem a comuna.

A economia, a comodidade, a facilidade das relações e serviços, os prazeres de todo tipo, todas as conveniências materiais, sociais e artísticas batalhariam pelo segundo sistema.

A partir de então, ao optar pela arquitetura societária, o artista estaria no caminho do cálculo dos Destinos; ele descobriria pouco a pouco, ao procurar as bases de seu projeto, todas as condições da vida societária, que não passam de deduções naturais e práticas das necessidades, gostos e inclinações inatas do homem. E é assim que, ao especular sobre a arquitetura melhor adaptada à natureza humana, encontraria necessariamente a forma social que melhor se adaptasse a essa mesma natureza.

Esses problemas estão todos ligados entre si. Não se podem resolver alguns sem determinar simultaneamente a solução dos outros. *

Perguntais se não seria mais econômico e prudente, para alojar uma população que deverá elevar-se a mil e oitocentas ou duas mil pessoas, construir um grande edifício unitário, ou edificar de trezentas a quatrocentas casinhas isoladas e civilizadas, trezentas e cinquenta pocilgas morais e filosóficas? *

Acrescentai ainda os muros de vedação exigidos, no regime de divisão, para cercar as casas, os jardins e os pátios; pensai * que estareis poupando quatrocentas cozinhas, quatrocentas salas de jantar, quatrocentos sótãos, quatrocentos porões, quatrocentos estábulos, quatrocentas granjas. * Redução análoga de uma quantidade de salas e oficinas dispersas hoje pelo burgo. — Independentemente da economia de espaço e de construção, acrescentai a de duas ou três mil portas, janelas, o espaço que ocupam, com seus caixilhos, revestimentos e guarnições de ferro; pensai na manutenção danosa de que cada uma dessas casas precisa por ano, na pequena duração dessas construções acanhadas, nos ignóbeis consertos feitos nelas incessantemente. Multiplicai a despesa de cada casa pelo número delas, e então pronunciai-vos! *

Description du Phalanstère et considérations sociales sur l'architecture. Livraria societária, Paris; 2ª edição, 1848. (pp. 39-40, 47-48, 56-68, 80, 83-84, 88-89.)

Cabet, a quem Marx atribuiu a invenção do "comunismo utópico", desenvolveu a visão de um socialismo de Estado na Voyage en Icarie (1840), que ele afirmava, no ano de sua morte, ser "na verdade uma descrição da organização social e política da comunidade, um tratado científico e filosófico"¹.

A Voyage descreve amplamente a capital, Icara, e a forma como estão dispostas as outras cidades. L. Mumford pôde justamente ver nesse livro uma projeção da obra administrativa e centralizadora de Napoleão, e uma idealização de Paris. No entanto, Icara simboliza muito mais as idéias progressistas da época. É em primeira instância uma consequência da revolução industrial², de que decorrem os princípios de racionalização, de higiene, de classificação; e deve ser aproximada dos modelos de Owen³ (cuja influência, aliás, Cabet sofrera na Inglaterra) de Fourier e de Considérant. Como para aqueles autores, a idéia de eficácia e de rendimento exerce um papel importante e, mais que um cesarismo inconsciente, é essa idéia que justifica a severidade dos sistemas de coação e de repressão propostos por Cabet.

1. *Une Colonie icarienne aux États-Unis*, Paris, 1856.

2. "Sim, a máquina traz em seu ventre mil pequenas revoluções e a grande revolução social e política." *Voyage en Icarie*, 2ª edição, p. 469.

3. Pelo papel atribuído à educação e pela crítica do trabalho industrial.

Este passa os últimos anos de sua vida nos Estados Unidos, onde tentou realizar, junto com emigrantes europeus, comunidades comunais construídas sob o modelo de sua Icaria.

A ICÁRIA

I. DESCRIÇÃO DE ICÁRIA, CAPITAL DA ICÁRIA

Regularidade e geometrismo

— Vêde!⁴ a cidade, quase circular, está dividida em duas partes quase iguais pelo *Tair* (ou o *Majestoso*), cujo curso foi corrigido e canalizado entre dois muros em linha quase reta, e cujo leito foi cavado para receber os navios que chegam pelo mar. *

Eis o porto, e as bacias, as lojas que quase formam uma cidade inteira!

Vereis que no meio da cidade o rio divide-se em dois braços que se afastam, se aproximam e se reúnem de novo seguindo a direção primitiva, de modo a formar uma ilha circular bem grande.

Esta ilha é uma praça, a praça central, arborizada; em seu centro ergue-se um palácio que encerra um vasto e soberbo jardim elevado em forma de terraço, em cujo centro sobe uma imensa coluna sobrepujada por uma estátua colossal que domina todos os edifícios. De cada lado do rio há um grande cais ornamentado com monumentos públicos.

Em volta dessa praça central e afastados dela, podereis notar dois círculos, um de vinte e o outro de quarenta, que correspondem a outras praças, quase igualmente afastadas umas das outras e dispersas por toda a cidade.

Vêde só as ruas, todas retas e largas! Há cinqüenta ruas grandes que atravessam a cidade paralelamente ao rio, e cinqüenta que a atravessam perpendicularmente. As outras são mais ou menos longas. As que estão pontilhadas em preto, e que chegam juntas às praças, são *arborizadas*, como os bulevares de Paris. As dez grandes marcadas em vermelho são *ruas de ferro*; todas as amarelas são *ruas com trilhos* artificiais e as azuis são *ruas de canais*⁵.

— E o que são — perguntei-lhe — todas essas faixas rosas, longas e largas, que estou vendo entre as casas de duas ruas?

— São os *jardins* que ficam atrás dessas casas. Vou mostrá-los daqui a pouco.

Bairros...

4. Em *Voyage* há numerosos diálogos, dos quais este é um exemplo: o narrador, Lorde William Carisdall, fala na primeira pessoa. Ele também cita cartas que escreve de Icaria: é de uma delas que são tiradas, mais adiante, as passagens sobre a "cidade-modelo".

5. Para a explicação desses termos, ver pp. pp. 90-91.

Mas antes vêde essas massas que se distinguem por tintas leves de todas as cores, abrangendo toda a cidade. Há sessenta; são sessenta bairros (ou *comunais*), todos quase iguais, cada um representando a superfície e a população de uma cidade comunal ordinária.

Bem diferenciados...

Cada bairro recebe o nome de uma das sessenta principais cidades do mundo antigo e moderno, e reproduz em seus monumentos e casas a arquitetura de uma das sessenta nações principais. Encontrais, portanto, os bairros de Pequim, Jerusalém e Constantinopla, como os de Roma, Paris e Londres; de forma que Icaria é realmente um resumo do universo terrestre.

e classificados

Vejamos o *plano* de um desses bairros! Tudo o que aparece pintado é edifício público. Aqui está a escola, o hospital, o templo! Os vermelhos são grandes oficinas, os amarelos grandes lojas, os azuis locais de assembleia, os violetas são os monumentos.

Observai que todos esses edifícios públicos estão distribuídos de tal forma que aparecem em todas as ruas, e que todas as ruas têm o mesmo número de casas com prédios mais ou menos numerosos e mais ou menos vastos.

Eis agora, o *plano de uma rua*. Vêde! Dezesseis casas de cada lado, com um edifício público no meio e outros dois nas duas extremidades. As dezesseis casas são exteriormente semelhantes ou combinadas de modo a formar um único bloco, mas nenhuma rua se parece totalmente com as outras. *

Quanto ao povo, é nessas *assembleias* que ele exerce todos os seus direitos *, realiza suas eleições, faz suas deliberações. * E para facilitar-lhe o exercício desses direitos, o território é dividido em 100 pequenas *províncias*, subdivididas em 1 000 *comunas* quase iguais em extensão e população. *

Política e progressismo

Para que se possa aprofundar completamente em cada discussão, a representação popular e cada assembleia comunal, quer dizer, o povo todo, divide-se em quinze comitês principais, de *constituição*, de *educação*, de *agricultura*, de *indústria*, de *nutrição*, de *vestimentos*, de *alojamento*, de *estatística*, etc. Cada grande comitê compreende pois a 15ª parte da massa dos cidadãos; e toda a inteligência de um povo de homens bem educados e instruídos está continuamente em ação para descobrir e aplicar todos os melhoramentos e todos os aperfeiçoamentos.

Nossa organização política é pois uma REPÚBLICA democrática e até uma DEMOCRACIA quase pura.

II. MÉTODO DO MODELO

A idéia de um modelo

Todos os cidadãos devendo ser alojados de modo semelhante e o melhor possível na comunidade, a representação popular decidiu que seria concedida uma magnífica recompensa e um *busto* em todas as casas da república, em nome do povo, a quem apresentasse o plano de uma CASA modelo que fosse o mais perfeito sob todos os aspectos.

E, depois de todos os planos terem sido julgados num concurso público, a representação popular adotou o plano premiado, e ordenou que dali em diante todas as casas da comunidade seriam construídas com base nesse plano.

E todos entenderam que dali é que resultava essa inestimável vantagem de que, todas as portas, as janelas, etc. sendo exatamente iguais, ia-se poder preparar, em quantidades enormes, todas as peças constitutivas de uma casa, de uma fazenda, de uma aldeia e de uma cidade. *

Obtivemos até os planos-modelo de uma fazenda, de diversas oficinas, de hospitais, de escolas, etc.

Fez-se o mesmo para com a mobília e para cada espécie de móveis.

Como todas as cidades comunais deveriam ser semelhantes na comunidade, uma imensa recompensa e uma *estátua* em todas as comunidades foram oferecidas a quem apresentasse o plano mais perfeito de uma cidade-modelo.

Determinou-se o mesmo para com as cidades-provinciais, a capital e todos os monumentos. *

A. A cidade modelo⁶

Higiene física

Não vos falarei das precauções tomadas com respeito à *salubridade*, à livre circulação de ar, à conservação de sua pureza e até à sua purificação. No interior da cidade, nenhum cemitério, nenhuma fábrica insalubre, nenhum hospital: todos esses estabelecimentos estão nas extremidades, em praças arejadas, onde haja água corrente, ou no campo.

Nunca vos poderei indicar todas as precauções que foram tomadas para a *limpeza* das ruas. Que as calçadas sejam varridas e lavadas toda manhã, e que estejam perfeitamente limpas, é muito simples: mas as ruas são de tal modo pavimentadas ou construídas que as águas nunca estagnam nelas, pois encontram a cada passo aberturas para escapar por *canais subterrâneos*.

Não só a lama, juntada e varrida com instrumentos engenhosos e cômodos, desaparece levada para os mesmos canais pelas águas das fontes, mas todos os meios que puderdes conceber são empregados para que se forme o mínimo possível de lama e *poeira*.

Circulação

6. O subtítulo é do próprio Cabet.

Vêde em primeiro lugar a construção das ruas! Cada uma tem oito *trilhos* de ferro ou pedra para quatro carros em linha, dos quais dois podem ir num sentido e dois no outro. As rodas nunca saem desses trilhos, e os cavalos nunca saem do espaço calçado intermediário. As quatro calçadas intermediárias são de pedra ou calhau, e todas as outras faixas da rua são pavimentadas de tijolos. As rodas não fazem nem lama nem poeira, os cavalos também quase não os fazem, nem tampouco as máquinas que correm pelas ruas-estradas de ferro.

Observai, além disso, que todas as grandes oficinas e as grandes lojas estão instaladas à margem das ruas-canais e das ruas-estradas de ferro; que os *carros*, aliás sempre pouco carregados, só passam por essas ruas; que pelas ruas com trilhos só circulam ônibus, e que inclusive pela metade das ruas da cidade não circulam nem ônibus nem carros, mas só carrinhos puxados por grandes cães, para as distribuições cotidianas pelas famílias.

Mais ainda, nunca lixo algum é jogado das casas ou oficinas nas ruas; nunca se transportam por elas nem palha, nem feno, nem esterco, dado que as estrebarias e lojas ficam nas extremidades; todas as carroças e carros fecham-se tão hermeticamente que nada do que contém pode cair fora, e todos os descarregamentos são feitos com máquinas que não sujam a calçada e a rua.

Fontes em cada rua fornecem a água necessária para limpar, para abater a poeira e para refrescar o ar.

Tudo está arranjado, como vêdes, para que as ruas se mantenham naturalmente limpas, pouco cansadas⁷ e fáceis de limpar.

A lei (vós talvez comeceis rindo, mas acabareis admirando), a lei decidiu que o pedestre estará em *segurança*. *

Climatização

Os pedestres são protegidos até contra as intempéries, pois todas as ruas têm *calçadas*, e todas essas calçadas estão cobertas por *vidros*, para proteger da chuva sem privar da luz, e com telas móveis para proteger do calor. *

Levamos a precaução ao ponto de construir, de distância em distância, de cada lado da rua, *abrigos* debaixo dos quais param os ônibus, para que se possa subir neles ou descer deles sem se temer a chuva ou a lama. *

Higiene moral

Vós não veríeis nessa cidade nem *cabarés*, nem tabernas, nem *cafés*, nem botequins, nem bolsa, nem casas de jogo ou de loterias, nem abrigos para prazeres vergonhosos ou culpáveis, nem quartéis ou corpos de guarda, nem policiais e espíões, como também nenhuma prostituta, nem gatunos, nenhum bêbado ou mendigo; ao invés disso, encontraríeis por toda parte RESERVADOS, tão elegantes quanto limpos e cômodos, uns para as mulheres, outros para os homens, onde

7. Sic.

o pudor pode entrar um momento, sem nada temer nem para si próprio nem para a decência pública.

Vossos olhos nunca seriam ofendidos por todos esses *rabiscos*, desenhos, escritos, que sujam as paredes de nossas cidades, ao mesmo tempo que fazem com que se abaixe os olhos; pois as crianças estão acostumadas a nunca estragar ou sujar nada, como a enrubescer diante de tudo o que pode ser indecente ou desonesto.

Padronização dos cartazes

Vós não teríeis nem mesmo a satisfação ou o aborrecimento de ver tantas *tabletas* e letreiros nas portas das casas, nem tantos cartazes e *anúncios* de comércio, que quase sempre enfeiam os prédios, mas veríeis belas *inscrições* nos monumentos, oficinas e lojas, como veríeis todos os anúncios úteis, magnificamente impressos em papéis de diversas cores, e colocados por cartazeiros da república em molduras destinadas a esse fim, de modo a concorrer para o embelezamento geral.

Supressão do pequeno comércio

Vós também não veríeis mais essas ricas e elegantes *lojas* de todo tipo, que se vêem em Paris e Londres nas ruas comerciais. Mas o que são as mais belas dessas lojas, as mais ricas dessas butiques, bazares, os maiores desses mercados ou feiras comparados com os *ateliers*, as butiques, as oficinas e as *lojas* de Icara! Imaginai todas as oficinas e lojas de ourivesaria e de jóias, por exemplo, de Paris ou de Londres, reunidas numa única ou duas oficinas e numa única ou duas lojas; imaginai que acontecesse o mesmo com todos os ramos da indústria e comércio; e dizei-me se as joalherias, relojarias, floriculturas, casas de plumagem, tecidos, moda, instrumentos, frutas, etc., etc., não eclipsariam todas as lojas do mundo; dizei-me se vós não teríeis o mesmo, e talvez maior prazer visitando-as que percorrendo nossos museus e monumentos artísticos! Bem, essas são as oficinas e lojas de Icara! *

B. O alojamento modelo

— Sabendo que Icar tinha interrompido o *plano-modelo* de uma casa depois de ter consultado o *comitê* de alojamento e o povo todo, depois de ter examinado as casas de todos os países, eu esperava ver uma casa perfeita sob todos os aspectos, principalmente no que se refere à comodidade e limpeza; no entanto, minha expectativa ainda foi superada. *

Casa individual

Cada casa tem quatro andares, sem contar o térreo; e três, ou quatro, ou cinco janelas de largura.

Debaixo do térreo estão as adegas, jazigos, depósitos de lenha e carvão, cuja base fica a cinco ou seis pés abaixo da calçada e a abóbada a três ou quatro pés acima. * A madeira, o carvão e todo o resto são transportados por máquinas, dos carros até o subterrâneo, sem ao menos tocar * a calçada. *

Depois * todos esses objetos sobem, em cestos ou vasos, para a cozinha e os andares superiores, através de aberturas na abóbada e de pequenas máquinas. *

No térreo * uma sala de jantar, uma cozinha e todas as suas dependências. * uma sala de banho com uma farmacinha, uma salinha de trabalho para os homens, uma outra para as mulheres; um patiozinho para as aves, um cómodo para os objetos de jardinagem e, por último, o jardim. *

O primeiro andar contém um grande salão.

Os outros cômodos são dormitórios. *

Todas as janelas abrem-se para dentro e têm balcões. *

Teto-terraço

— Que vista bonita! — exclamei, ao chegar a um *terraço* com uma balaustrada e coberto de flores, coroando a casa e formando ainda um delicioso jardim de outro tipo, com uma vista magnífica.

— Nas belas noites de verão — disse a anfitriã — quase todas as famílias se reúnem em seus terraços para tomar ar fresco, e ali cantam, tocam e ceiam. *

Um outro terracinho com flores na galeria que cobre a calçada, e as flores em quase todos os balcões ainda aumentam o prazer da casa e perfumam o ar ambiente. *

Equipamento para a higiene

Não há precaução que não tenha sido tomada para a limpeza. As partes inferiores, mais expostas à sujeira, são protegidas por uma porcelana envernizada, ou *pintura* que não grava a sujeira e é facilmente lavada. ÁGUAS potáveis e não potáveis, trazidas de altos reservatórios e levadas até o terraço superior, são distribuídas por tubos e canos por todos os andares e até quase todos os apartamentos, ou são projetadas com força por *máquinas de lavar*, enquanto todas as *águas sujas* e todas as imundícies são arrastadas sem empoeçar em nenhuma parte e sem espalhar nenhum mau cheiro, para largos tubos subterrâneos que descem por baixo das ruas. Os lugares naturalmente mais desagradáveis são aqueles onde a arte fez mais esforços para evitar qualquer desprazer; e uma das estátuas mais bonitas da República é a que se vê, em todas as casas, acima da porta de um pequeno e encantador gabinete, destinada a eternizar o nome de uma inventora de um processo de dissipação dos odores fétidos.

Nem a *lama* que os pés podem trazer de fora deixa de ser objeto de uma atenção particular. Independentemente de as calçadas serem extremamente limpas, uma infinidade de pequenos cuidados impedem que um pé sujo venha sujar os apartamentos ou até mesmo a soleira da porta e da escada, enquanto a educação impõe às crianças, como um de seus primeiros deveres, o hábito da limpeza em tudo. *

Esta é uma casa de Icaria! E todas as casas das cidades são exatamente iguais por dentro, cada uma habitada por uma só *família*.

As casas são de três tamanhos, de três, ou quatro, ou cinco janelas de frente, para as famílias com menos de doze pessoas, de vinte e cinco ou de quarenta. Quando a família é mais numerosa (o que

acontece freqüentemente), ela ocupa duas casas contíguas, que comunicam por uma porta interna: e como todas as casas são parecidas, a família vizinha cede normalmente de bom grado sua casa para ocupar uma outra, ou então o juiz a obriga, em caso de recusa, a nascer que a família numerosa encontre duas outras casas contíguas vagas.

C. A mobília modelo

Nesse caso, já que os móveis são exatamente iguais, como também as casas, cada família só leva alguns objetos pessoais, e deixa sua casa toda mobiliada a fim de ir para uma outra igualmente mobiliada.

Disposição dos objetos

Todos esses apartamentos têm *prateleiras*, armários, guarda-louças, estantes, etc., e todas as paredes estão dispostas de modo que esses móveis sejam imóveis, incrustados, apoiados ou aplicados e consistam apenas em estantes interiores ou em gavetas com portas na frente e algumas vezes com prateleiras em cima, o que faz com que haja uma enorme economia de trabalho e materiais. *

Sabíamos que cada um desses móveis de uma casa foram aprovados por uma lei do governo, e que cada família tinha uma espécie de *atlas* ou grande pasta contendo a lista ou o inventário dessa *mobília legal*, com gravuras e desenhos descrevendo a forma e a natureza de cada objeto.

Pedimos para ver esse livro curioso e o examinamos com prazer e interesse.

— Cada um desses móveis — disse a anfitriã — foi escolhido entre milhares do mesmo tipo, e adotado num concurso com base em um *plano-modelo*: preferimos o mais perfeito, do ponto de vista da comodidade, simplicidade, economia de tempo e material, até o da elegância e graça: vêde o resultado!

— E essa *uniformidade* não cansa — acrescentei.

— Em primeiro lugar, é um bem sem preço — disse a mulher — uma necessidade até, e a base de todas as nossas instituições; em segundo lugar, combina-se em cada lugar com uma variedade infinita. Assim vêde: nessa casa, como em todas as outras, vós não vereis dois quartos, duas portas, duas lareiras, dois papéis de parede, dois tapetes que se pareçam; e nossos legisladores souberam conciliar todas as belezas da *variedade* com todas as vantagens da *uniformidade*.

Voyage et aventures de Lord William Carisdall en Icarie, traduzidas do inglês de Francis Adams (E. Cabet) por Th. Dufruit, edições H. Souverain, Paris 1840. As páginas indicadas são as da segunda edição, de 1842. (Pp. 20-22, 365-366, 41-43, 44-46, 63-69, 71.)

Du Principe de l'Art et de sa destination sociale foi interrompido pela morte de Proudhon. Redigido às pressas, com materiais díspares, por um autodidata que confessava: "está acima das minhas forças, mas a coisa foi lançada e não posso voltar atrás"¹, este livro dedica seus capítulos mais interessantes a Courbet e ao problema do *realismo*.

Encontramos nele um capítulo sobre os Monumentos e embelezamentos modernos de Paris, que não está isento de contradições e de temas "pequeno-burgueses" característicos de Proudhon, mas que repousa sobre três idéias do urbanismo progressista: *necessidade de uma luta contra a nostalgia do passado para promover uma forma global de existência moderna; necessidade de uma racionalização do meio de comportamento; papel da indústria na nova cidade*².

1. *Correspondência*, T. XIII, p. 132.

2. "O engenheiro admira numa máquina a solidez, a economia de recursos; em uma palavra, a idéia: alguns traços acrescentados às peças, algumas despesas com a elegância, o embelezamento... não significam nada para ele. A exatidão da fórmula, sua aplicação correta e feliz, é esse o seu ideal. Ide às exposições da indústria, tomadas tão brilhantes que eclipsam as exposições de pintura e estatuárias: o que faz o ideal desses industriais, desses manufatureiros, desses metalúrgicos...: qualidade superior do *produto*, redução ao preço mínimo de produção" (p. 181).

MONUMENTOS DE PARIS

Perigos da cidade-museu

Faz parte da dignidade de um povo civilizado ter museus de antiguidades. Isso é de interesse para a história, o sentimento do nosso progresso, a inteligência da arte em suas diversas épocas e, conseqüentemente, na nossa, o sentimento de solidariedade para com nossos antepassados.

Aprovo, portanto, as restaurações de catedrais, de palácios, quando os custos não são altos demais; aprovo as aquisições de estátuas. Coloquem estes objetos em seus museus, salas, pátios e jardins; não os coloquem em suas praças públicas, onde só os monumentos nacionais têm o direito de figurar.

O que faz o obelisco de Lúxor na Praça da Concórdia? * Em preciso colocá-lo no centro do pátio do Louvre. *

Ora, que povo singular somos nós! Fomos procurar, com grandes gastos, com a permissão do paxá egípcio, árabe ou turco, que zomba das antiguidades, um dos obeliscos do templo de Lúxor; nós o erguemos no centro da Praça da Concórdia, onde é uma figura tão estranha como seria um genuflexório na sala da Bolsa; e tivemos o grande cuidado de colocar no pedestal desse singular monumento, de um lado, uma inscrição que indica o ano e o reinado durante o qual foi trazido o obelisco; de outro, o desenho das máquinas utilizadas para erguê-lo; de modo que parecemos tê-lo trazido para Paris só para nos dar o prazer de ver como um engenheiro saído de nossa Escola Politécnica, conseguiria levantá-lo! Certo, não coloco a civilização francesa abaixo da dos egípcios de Sésostri; mas lamento pensar que foram capazes de uma tal asneira... Quê! nessa praça revolucionária, que já mudou duas ou três vezes de nome, onde tantas cenas se passaram, só soubemos erguer duas fontes mitológicas, aliás bastante bonitas, e um obelisco egípcio!...

Nossa arte é ferro-velho. Fazemos de uma igreja um panteão de homens ilustres, inscrevemos no frontispício dessa igreja uma dedicatória usurpatória e mentirosa, pois a igreja de Soufflot foi dedicada a Santa Genoveva, é a segunda catedral de Paris. Em compensação, convertimos o templo da Glória, paralelogramo copiado dos gregos, em uma pretensa igreja (a Madalena), sem sinos, sem capelas, sem relógio, sem forma cristã. O conjunto de nossos monumentos denota um povo cuja consciência está vazia e cuja nacionalidade está morta. Não temos nada na consciência, nem fé, nem lei, nem moralidade, nem filosofia, nem senso econômico, mas ostentação, pura arbitrariedade, contra-senso, falsa aparência, mentira e volúpia. *

Por uma cidade funcional

O que há de melhor nas belezas de Paris são, junto com os mercados centrais, de que falarei logo mais, as *squares* de importação inglesa e os bancos nos bulevares, cuja iniciativa tampouco é nossa.

Em 1858, não havia nenhum em Paris; na mesma época, encontrei-os por todo lado em Bruxelas. *

Se o valor decorativo de um monumento consiste em revelar pela fachada o fim a que se destina, as duas obras-primas da arquitetura de Paris são, sem dúvida, a prisão de Mazas e os mercados centrais. *

Os mercados centrais causaram grande escândalo entre os acadêmicos, alunos e mestres. Ali, com efeito, não há colunas, nem pilstras, nem cornijas, nem ordem ática; nem capitéis, nem modilhões, nem desenhos, nem estátuas, nem baixo-relevos; há pedras nas fundações, ferro desde o solo até a cobertura, um teto de vidro e de zinco: nada disso foi previsto pelo Instituto nem pela Escola. Os mercados são um monumento nascido da barbárie; um roubo feito aos artistas, donos dos trabalhos da cidade e do Estado; uma usurpação de poder por parte dos modestos desenhistas, modeladores e fundidores da fábrica de Mazières.

Mas o público colocou-se do lado dos industriais, contra os artistas, e com razão. O ideal de um mercado, onde se acumulam materiais que se decompõem rapidamente, seria que fosse a céu aberto; mas como a inclemência do nosso clima não o permite, o melhor seria que a cobertura fosse de algum modo suspensa, como uma lâmpada no teto; se ainda faltasse ponto de apoio, podia-se recorrer a colunas que sustentassem o teto, mas que ocupassem o menor lugar possível; muito ar, muita água, tal era o programa utilitário, sanitário. O engenheiro dos mercados centrais entendeu isso: nada sobra em seu monumento; ele só buscou o simples, e encontrou o grandioso. Os acadêmicos podem preferir um amontoado de pedras, mais ou menos simétrico, sem ar, sem luz, com o tifo ameaçando permanentemente, como acontece na espécie de bastilha ou de cadeia que ainda subsiste diante da igreja de Santo Eustáquio, ou nos outros mercados de Paris, fechados por muros: o público agora sabe o que pode e deve ser um monumento de utilidade pública, e não será mais enganado pelos charlatães da forma e do ideal, sem consciência e sem idéias.

O objetivo da arte consiste em ensinar-nos a juntar o agradável ao útil em todas as coisas de nossa existência; aumentar assim para nós a comodidade dos objetos, e a partir daí aumentar nossa própria dignidade.

Sobre o habitat individual

A primeira coisa de que devemos cuidar é da *habitação*. O povo deve ser bem alojado: isso é mais que conveniente, pois ele é soberano e rei.

Ora, a morada do cidadão, do homem médio, ainda não foi encontrada. Não temos o *mínimo* de alojamento, nem o *mínimo* de salário. Os artistas pedem trabalho, quer dizer, palácios, igrejas, museus, teatros, *monumentos*; sua arte não conseguiu dar-nos alojamento; pelo contrário, o luxo das construções que nos impõem converteu-se num auxiliar da miséria. *

Deixo de lado a questão do barato, sem o qual a vida não passa de servidão. "Se a república não é o direito, dizia-me um homem de bem, rio da república." Digo da arte e das cidades: se a arte e a edili-

dade não sabem dar-nos moradia barata, rio da arquitetura e da educação. Ora, estamos bem longe disso.

Em vão sepultamos nessas casas monstruosas uma mobília mais ou menos suntuosa e artística: guarda-louças, baús e mesas esculpidos, quadros, estatuetas, pianos, etc. Que bela compensação! Tomamos a ficção por realidade.

Daria o museu do Louvre, as Tulherias, Notre-Dame — e a Coluna além do mercado, — em troca de uma casinha feita a meu gosto, onde eu moraria sozinho, no centro de um terreno fechado de um décimo de hectare, onde eu teria água, sombra, grama e silêncio. Se me ocorresse colocar lá dentro uma estátua, não seria nem um Júpiter nem um Apolo: não saberia o que fazer com esses senhores; nem vistas de Londres, de Roma, de Constantinopla ou de Veneza. Deus me livre de morar nessas cidades! Colocaria o que me falta: a montanha, o vinhedo, o prado, as cabras, as vacas, os carneiros, os ceifeiros e os pastorzinhos.

Como não enxergamos que esse excesso de obras de arte, de monumentos de arte, só tem o propósito, por uma terrível ironia, de manter-nos em nossa indigência? Se nossa educação estivesse acabada, se exercéssemos nossos direitos, se vivéssemos uma vida livre, precisaríamos de escolas de arte e de prêmios de Roma? Essa nova Paris não nos causaria horror? Nós apertamos o cinto e, na falta do que comer, alimentamo-nos com espetáculos!

Uma aglomeração de mil pequenos proprietários, alojados em suas próprias casas, explorando, cultivando, cada um valorizando seu patrimônio, sua indústria e seu capital, que se administrem e julguem-se por si mesmos, essa é a obra-prima política, da qual todas as outras não passam de acessórios, que nunca soubemos realizar.

Artistas, professores e sacerdotes, acadêmicos e filósofos, todos cumprem igualmente mal seu dever, converteram-se em instrumentos de miséria e de depressão.

Du principe de l'arte et de sa destination sociale, P. J. Proudhon, Garnier frères, Paris, 1865. (Pp. 338, 345, 348-350, 352-353.)

Benjamin Ward Richardson

1822-1896

Médico inglês, autor de uma série de trabalhos científicos notáveis pela diversidade e originalidade, pesquisou a coagulação sanguínea (The Cause of Coagulation of the Blood, 1858), a fisiologia (On the Hygienic of Pulmonary Consumption, 1856), a anestesiologia (On a Local Anesthesia by Ether Spray) — campo no qual chegou a inventar aparelhos de reanimação. Seus trabalhos sobre a toxicologia estão entre os primeiros a colocar em evidência os efeitos nocivos do álcool e do fumo. Publicou também uma obra sobre as Doenças da vida moderna (1875). Enfim interessou-se particularmente pela epidemiologia e pela higiene.

Devemos-lhe a criação do Journal of Public Health and Sanitary Review (1855-1859), e da Social Science Review (1862). Sua utopia, Hygeia (1876), inspirada formalmente pela Utopia de Th. More, foi inicialmente uma comunicação ao congresso de 1875 da Social Science Association, cuja secção Saúde presidia: ele havia preparado inicialmente um relatório sobre as estatísticas de mortalidade mas, no último momento, preferiu uma exposição mais suave dos meios que preconizava para lutar contra o deplorável estado sanitário das grandes cidades.

Hygeia alcançou imediatamente uma difusão mundial. Depois dessa obra, Richardson ainda publicou, em particular:

- The Future of Sanitary Science (1877),
- The Health of Nations (1887).

HIGIÊNIA

A população da cidade pode ser avaliada em 100 000 pessoas vivendo em 20 000 casas, construídas em 4 000 acres de terreno, numa média de 25 pessoas por acre. Pode parecer uma grande população em relação ao espaço ocupado mas, dado que o efeito da densidade sobre a vitalidade se manifesta de modo determinante quando esta atinge um grau extremo, como em Liverpool e Glasgow, podemos adiantar estas cifras.

Higiene e gabaritos

A higiene da população fica garantida contra os perigos de uma forte densidade graças ao tipo de casa escolhido, que permite assegurar uma distribuição homogênea da população. As casas elevadas que ensombrecem as ruas e implicam a entrada única para várias moradas não são, em parte alguma, autorizadas. Nos bairros de negócios, que exigem centros comerciais ou lojas, os edifícios têm quatro andares e, em certas ruas dos bairros do oeste, onde as casas são separadas, encontram-se também edifícios com três ou quatro andares, mas, de modo geral, parece nefasto ultrapassar essa altura; os andares serão limitados a quinze apartamentos; nenhum prédio deverá ultrapassar os sessenta pés. *

Comunicações e espaços verdes

A superfície de nossa cidade permite o estabelecimento de duas vastas ruas principais ou bulevares que vão de leste a oeste e constituem as principais vias de comunicação. Em cada uma delas acha-se uma via férrea destinada a todo o tráfego pesado. As ruas norte-sul que cortam as principais vias de circulação em ângulo reto, e as ruas secundárias, paralelas a estas, são todas bem largas e, devido à baixa altura das casas, são perfeitamente ventiladas e bem ensolaradas. Têm árvores dos dois lados. Todos os espaços intermediários dos fundos das casas são jardins. As igrejas, hospitais, teatros, bancos, salas de conferência e outros edifícios públicos, assim como certos edifícios privados, como os entrepostos e os estábulos, são independentes, formando pedaços de ruas e ocupando a posição de várias casas. São cercados por um jardim e contribuem não só para a beleza da cidade mas também para a sua salubridade.

A casa-tipo

Os imóveis são construídos com um ladrilho que apresenta as seguintes vantagens sanitárias: é envernizado e totalmente impermeável à água, de tal modo que, nas estações úmidas, as paredes não ficam saturadas por toneladas de água, como é o caso de tantas das nossas residências atuais. Os ladrilhos são perfurados transversalmente e, nas suas extremidades, há uma abertura em ângulo, na qual não se insere nenhuma argamassa, para que se comuniquem entre si. Graças a esse dispositivo em forma de ninhos de abelha, as paredes encerram permanentemente uma massa de ar introduzida pelas aberturas laterais

da parede externa. * Os ladrilhos que formam as paredes internas da casa são envernizados com cores diferentes, à escolha do proprietário; estão tão elegantemente dispostas que qualquer ornamento suplementar é inútil. *

O teto-terraço

As mudanças mais radicais introduzidas nas casas de nossa cidade dizem respeito às lareiras, tetos, cozinhas e suas dependências. * As lareiras * comunicam-se com poços centrais, para onde a fumaça é conduzida; depois de ter atravessado um forno a gás que deve destruir o carbono livre, ela é descolorida e expulsa para o ar livre. Assim a cidade fica desembaraçada das chaminés e dos efeitos danosos produzidos pela fumaça. Os tetos das casas apresentam uma leve inclinação, mas não são planos. São recobertos por asfalto (cuja duração e facilidades de reparo a experiência — fora de nossa cidade imaginária — demonstrou) ou por telhas planas. Esses tetos, cercados por balaustradas de ferro pintadas com gosto, constituem, em cada casa, excelentes áreas cheias de ar. Em certos casos, ali cultivam-se flores.

A cozinha-laboratório

A dona-de-casa não deve ficar chocada quando souber que as cozinhas de nossa cidade moderna e todas as suas dependências estão instaladas diretamente embaixo desses tetos-jardins; elas ficam, na verdade, no andar superior da casa e não no inferior. Sob todos os pontos de vista, sanitário e econômico, essa disposição é perfeita. A cozinha é iluminada com perfeição, de tal modo que qualquer sujeira é imediatamente detectada. Os cheiros da cozinha nunca se espalham pelos outros cômodos da casa. * A água quente da caldeira da cozinha é facilmente distribuída pelos cômodos dos andares inferiores, de modo que a água quente e a fria podem ser, a qualquer momento, obtidas em qualquer cômodo. * A lavanderia, ao lado da cozinha, tem todo o equipamento necessário; quando a roupa é lavada na casa, o espaço ao ar livre no teto constitui um maravilhoso lugar para secagem.

Na parede da parte posterior da cozinha fica o orifício superior do cano de lixo. Este conduto, aberto ao ar na altura do teto, chega aos subterrâneos da casa. Tem em cada andar uma porta de correr. O condutor para o carvão sai da parte de trás da cozinha e também é ventilado pelo teto.

No patamar do segundo andar * fica um banheiro alimentado pela água quente e fria da cozinha. O chão da cozinha e de todos os andares superiores é ligeiramente elevado no centro; é recoberto por ladrilhos cinza, polidos; o chão do banheiro é idêntico. Os cômodos têm assoalhos de madeira e, em toda a volta, um rodapé de carvalho verdadeiro, com cinco centímetros de altura. No chão, nenhum tapete, nunca. Conserva-se brilhante e limpo pela utilização das tradicionais ceras de abelha e terebintina; graças a isto, o ar é purificado e ozonizado.

A função-sono

Considerando-se que um terço da vida um homem passa ou deve-

ESC. U.S.A.

ria passar dormindo, os dormitórios são objeto de um cuidado todo particular, de modo que sejam perfeitamente iluminados, espaçosos e ventilados. Calculam-se darentes pés cúbicos para cada dormitório e banem-se dos espaços consagrados ao sono todos os artigos não indispensáveis relativos à mobília ou à vestimenta. *

O zoneamento

Em regiões especiais da cidade, levantam-se blocos concebidos essencialmente, de modo semelhante às casas residenciais. Cada um pode dispor de uma sala pagando uma quantia semanal módica. Ali ele pode trabalhar quantas horas quiser, mas não tem o direito de transformar essa sala em local de moradia. Cada bloco fica sob a responsabilidade de um superintendente e é submetido ao controle das autoridades sanitárias. Assim, a família é isolada do trabalho, e o trabalhador tem a garantia das vantagens de que dispõe hoje o advogado, o comerciante, o banqueiro: ou, para ser mais exato, ele dispõe das mesmas vantagens que o homem ou a mulher que trabalha na fábrica e volta para casa a fim de comer e dormir.

Lavanderia

Atualmente, em todas as cidades do reino da Grã-Bretanha a lavagem das roupas é extremamente perigosa, pois uma pessoa gozando de boa saúde não tem nenhum meio de saber se sua roupa e a de seus filhos não foram misturadas * com a proveniente da cama ou de corpos de portadores de doenças contagiosas. * Em nossa comunidade-modelo, esse perigo é inteiramente evitado pelo estabelecimento de lavanderias públicas sob direção municipal. Ninguém é obrigado a mandar sua roupa para ali; mas, se não o faz, é obrigado a lavá-la em casa.

Hospitais

Passando pelas ruas principais da cidade, encontramos, em vinte locais equidistantes, um prédio separado, cercado por terreno próprio: é o hospital-modelo. Não se pouparam gastos para fazer dessas instituições as melhores dentro de sua categoria. Vários elementos contribuem para seu sucesso. São instituições pequenas e facilmente deslocáveis. A velha idéia do hospital — depósito para colecionar doenças em grande quantidade, e cujo valor se mede pelo número de leitos — é aqui abandonada. Abandonado também o velho costume de construir um hospital para durar séculos, como um castelo nor-mando.

Cultivo do corpo

Nossa cidade-modelo é, bem entendido, abundantemente provida de casas de banho, piscinas, banhos turcos, áreas para exercício, ginásios, bibliotecas, escolas primárias, escolas de arte, salas de conferência e locais consagrados à diversão instrutiva. Em todas as escolas primárias, o exercício físico constitui uma parte do programa.